

[31]

A sexta face da globalização

José Eli da Veiga

[O debate sobre a globalização deve ser examinado com serenidade – ‘a mais impolítica das virtudes’, segundo Bobbio.]

Valor, terça 23/03/04

É profundo o choque de visões sobre a globalização. De um lado estão os que a enxergam como fenômeno real e pensam que nada sintetizaria melhor a condição humana contemporânea. Do outro, cétricos para quem tudo não passaria de ilusão inflada pelo entusiasmo de inocentes globalistas. E nem de longe tais visões são reduzíveis a meras retóricas ou ideologias. Há muito a se aprender com os dois campos, desde que se consiga separar o trigo do joio que em ambos prolifera.

Enquanto os melhores globalistas mostram a crescente importância de problemas mundiais que engendram cada vez mais consciência sobre o destino comum da humanidade, os melhores cétricos alertam para a contínua primazia de interesses nacionais e de fatos culturais que dão sentido às identidades sócio-territoriais.

Tanto quanto os primeiros insistem no crescimento explosivo dos mercados financeiros durante o último quarto do século passado, seus contestadores enfatizam a organização das economias reais, lembrando das insignificantes mudanças nas proporções entre comércio e PIB ao longo de todo o século, ou das raízes geográficas das multinacionais.

Examinar esse debate com serenidade - “a mais impolítica das virtudes”, segundo Bobbio – exige ponderação dos bons argumentos lançados por ambos os lados, com o intuito de discernir terreno comum que conduza a algo mais consistente. Exatamente o contrário do que parece ter feito o ministro Celso Amorim ao receber o título de Personalidade do Ano, concedido pela Câmara de Comércio Anglo-Brasileira, em Londres na quarta-feira passada. Se realmente ele disse que há “consenso” sobre o fracasso da globalização, certamente constrangeu o anfitrião da cerimônia, professor David Held, um dos autores mais tenazes no combate aos preconceitos que poluem esse debate. A falta de cabimento de se falar em consenso sobre a globalização está magistralmente exposta em opúsculo que Held redigiu com Anthony McGrew, intitulado “An Introduction to the Globalization Debate” (felizmente já publicado em português com o título “Prós e Contras da Globalização”, Ed. Jorge Zahar, RJ, 2001).

Depois de dissecar as principais frentes de desacordo entre globalistas e cétricos, a dupla vislumbra cinco áreas de convergência. Os trigos dos dois lados tendem a aceitar que esteja ocorrendo: a) maior interligação econômica nas e entre regiões do mundo, ainda que com conseqüências multifacetadas; b) novas desigualdades e abalo de velhas hierarquias, ambos provocados pela competição inter-regional; c) ampliação de problemas transnacionais e trans-fronteiriços (como lavagem de dinheiro ou disseminação de OGMs); d) expansão das formas de gestão internacional – como a União Européia e a OMC - que traz novas interrogações sobre o tipo de ordem mundial a ser construída; e) exigência de novas maneiras de pensar e de

dar respostas criativas sobre as futuras formas democráticas de regulação política.

Há, entretanto, pelo menos uma sexta face da globalização que não poderia ser ignorada até pelo pior dos analistas céticos. É inédito o reconhecimento do caráter planetário da apreensão sobre a decadência ambiental. E não é por outra razão que os movimentos ambientalistas são os que mais questionam (e até desafiam) a manutenção do Estado-Nação como principal locus de legitimidade do poder. Aliás, não é mera coincidência o fato de terem sido os Verdes os primeiros a fundarem um partido europeu, mediante fusão de 32 formações políticas nascidas em países que e maioria farão parte da UE (o que ocorreu em Roma há menos de um mês, durante o Carnaval, fato solenemente ignorado pela imprensa tupiniquim).

O desgaste da camada de ozônio, o aumento do efeito estufa, e as perdas de biodiversidade, são problemas globais em sua própria gênese e âmago. São três questões que explicitam o cerne dos conflitos sociais sobre a sustentabilidade que reside na dificuldade de preservar e expandir as liberdades substantivas de que as pessoas hoje desfrutam sem comprometer a capacidade das futuras gerações desfrutarem de liberdade semelhante ou maior. Por isso, não poderia ter sido mais oportuna a exposição dessa tese por Amartya Sen no suplemento “Mais!”, da “Folha de S.Paulo” de 14/3. Mesmo que se atribua absoluta supremacia ao antropocentrismo, como exige o eminente jurista Miguel Reale, ainda assim a questão central é a de garantir condições para que as futuras gerações possam desfrutar de liberdade bem maior que a atual.

São transcendentais duas idéias desse artigo do prêmio Nobel de 1998. A primeira é a crítica ao que muitos supõem ser o “conceito” de desenvolvimento sustentável. A versão original, do Relatório Brundtland, comparava as “necessidades” desta e das próximas gerações. Na forma ampliada por Robert Solow (outro Nobel, de 1987), a comparação passou a ser entre “padrões de vida”. Mas está ausente das duas versões a liberdade dos humanos para salvaguardarem aquilo que valorizam e aquilo a que atribuem importância. “Nossa razão para valorizar determinadas oportunidades não precisa sempre derivar da contribuição que elas oferecem ao nosso padrão de vida”.

A segunda se refere ao senso de responsabilidade quanto ao futuro das espécies. É justamente pelo fato de a espécie humana ter conseguido se tornar a mais poderosa, que ela deve ter responsabilidade para com as outras, em generoso e altruísta esforço por minorar tal assimetria. Se uma comunidade humana demonstra preferência pela conservação de determinado ecossistema em vez da implantação de um parque de diversões da marca Xuxa, isto só pode ser sinal de que interesses estreitamente locais foram subordinados a uma bem mais vasta atenção global a valores morais e estéticos.

José Eli da Veiga é professor titular da FEA-USP e autor de capítulos em três livros de 2003: *Meio Ambiente no século XXI* (Sextante), *Economia do Meio Ambiente* (Campus), *Patrimônio Ambiental brasileiro* (Edusp). Escreve mensalmente às terças.

Página Web: www.econ.fea.usp.br/zeeli/